

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



O ICONOCLASTA
ou
O PRETENDENTE IMAGINÁRIO



rei a viver em solitário, pensando na desobediência, que, a coberto dum equívoco trapaceiro, me pode forçar a intimidade... Admito que a culpa seja da Odete. Mas você deu o exemplo. Julguei inútil pôr os pontos nos te. Não se define entre os Barrocos. Foi logo, incolor, confuso. Mostro o defeito mais trágico da humanidade moderna. Não ninguém se define. As personagens, nos papéis que desempenham, rebelam-se, repetem-se, confundem-se. Ninguém tem a coragem de agir como se pensasse deveras: eu sou eu!... De modo que nos momentos graves — quando a morte natural, entregue à fortuna, pode sofrer violação — quem aparece e fala é sempre o outro, aquele que não se espera!

Durante o monólogo a Viduária, que procura em vão despedir-se, pé ante pé vai.

O Deus da Casa — Foi-se embora... O Barroco (Salvo quando se lhe a voz chamando o Barroco)... O amigo Barroco (Volta.) Vão o vão da... **ICONOCLASTA** ...vão da imaginação... e paixão do corpo! Talva eu agora

Escrito em 1928.

1955, *O Iconoclasta* (sob o nome de Alberto Rui), ed. Centro Universitário de Lisboa.

Representado em: 1955 (Teatro Avenida), 1956 (Teatro Avenida), 1956 (Teatro Nacional D. Maria II), 1960 (Academia de Amadores de Música), 1964 (Casa da Comédia) — todos os espectáculos, dir. Fernando Amado; 2000 (dir. Norberto Barroca, Teatro da Trindade).

O ICONOCLASTA ou O PRETENDENTE IMAGINÁRIO

Peça em um acto

PERSONAGENS

TITO

VIOLANTE

JÚLIA

A CRIADA

EUSÉBIO



Sala de visitas num prédio de andares.

Um espelho grande, lateral, à direita. Uma janela, à esquerda.

A acção decorre em Lisboa, século xx.

Em cena, Tito, 25 anos, pálido e um pouco alcachinado, ar de quem não frequenta o ar livre. Figura típica de jovem intelectual, traja cerimoniosamente jaquetão preto e calças de fraque; está de pé, com a expressão e modos inquietos de quem espera qualquer coisa ou alguém.

A CRIADA — O senhor faça o favor de esperar um pouquinho. A senhora dona Violante vem já.

TITO — Sempre vem!

A CRIADA — Não foi sem custo. Começou por dizer que nunca tinha ouvido falar em semelhante nome.

TITO — Qual nome?

A CRIADA — O nome do senhor. Tito Ambrósio, não é?



TITO — Exactamente.

A CRIADA — Depois queria que eu lhe dissesse o que é que o senhor desejava.

TITO — Falar com ela.

A CRIADA — Foi o que eu respondi. Mas a senhora queria saber o assunto. (*Gesto vago de Tito.*) Então eu disse-lhe, claro está, que o assunto não sabia qual era, mas que o senhor se apresentava como um sujeito da alta-roda.

TITO — Obrigado.

A CRIADA — Nem por isso. (*Tito faz menção de procurar dinheiro, mas ao perceber que é observado, retrai-se, e ajeita a gravata.*) É melhor ver-se ao espelho.

TITO — Muito obrigado. (*Diante do espelho, ouvindo bater uma porta, estremece.*)

A CRIADA — É a senhora.

Tito alisa o cabelo e relanceia a prega das calças. Entra Violante. Quarenta e cinco anos indiscretos, os traços empastados denotam uma decadência física despreocupada e serena. No conjunto a figura inspira confiança.

Da porta, Violante faz um lento aceno de cabeça, ao qual Tito corresponde.

A CRIADA (*à parte*) — Mal empregadinho! (*Sai.*)

VIOLANTE — Não compreendo muito bem...

TITO — Compreendo perfeitamente que Vossa Excelência não compreenda.

VIOLANTE — É o senhor doutor Ambrósio?

TITO — Ah! Vossa Excelência sabia que eu era doutor?

VIOLANTE — Tirei por conclusão do que me disse a criada: um cavalheiro atencioso, bem vestido, vinte e tantos anos...

TITO — Chamo-me, com efeito, minha senhora, Tito Gonçalves Ambrósio — Gonçalves por parte de minha mãe. Tenho vinte e quatro anos, sou bacharel formado em Direito. Meu pai é



magistrado e, sem ser rico — rico no sentido de milionário —, possui o bastante para ocupar com decoro uma posição social que muita gente inveja. Quanto a mim, espero um dia viver do meu trabalho — das letras, se for possível. Escritor é o meu sonho de criança. Por ora, todavia, conforme Vossa Excelência pode supor, dependendo de meus pais... Eu digo-lhe estas coisas, minha senhora, não porque as julgue importantes, mas para pôr Vossa Excelência à vontade.

VIOLANTE (*senta-se e convida Tito a imitá-la*) — Tenha a bondade.

TITO — Com licença.

Depois de cada um ter querido colocar uma frase, falam ao mesmo tempo.

VIOLANTE — O senhor...

TITO — O motivo...

VIOLANTE — Desculpe.

TITO — Perdão.

VIOLANTE — Eu ia pedir-lhe que me explicasse o motivo da sua visita.

TITO — Era o que eu ia fazer.

VIOLANTE — Nesse caso, tenha a bondade.

TITO (*tomando súbita decisão*) — Minha senhora, eu não sou um homem como os outros.

VIOLANTE — Hã!?

TITO — Não me refiro ao aspecto exterior, físico, anatómico... Não. Deixe-me explicar. Eu sou um homem sensível — sensível a um ponto que ninguém calcula. Vossa Excelência tão-pouco. Eu mesmo às vezes me espanto. Note-se que eu não considero isto um defeito, dum ponto de vista rigorosamente individual, digamos, absoluto. Por exemplo, a meu ver, não há arte se não há excesso de sensibilidade. Mas nas circunstâncias habituais, para a solução dos problemas quotidianos, é um defeito gravíssimo, sou o primeiro a reconhecê-lo... Quanto eu